Aventurando-se em versos e prosas

Depois disso, comecei a escrever versos e enviá-los para revistas, onde eles nunca apareciam. Eles eram, geralmente, sobre minhas lembranças, como uma melodia, de coisas que haviam acontecido há muito tempo: minha poética bem como a minha veia artística eram limitadas.

Aqui estão os últimos que eu fiz, trinta anos atrás. Minha única ressalva sobre eles é que são, singularmente, proféticos.

A melodia que lembrava (um velho carrilhão francês que meu pai costumava cantar) é muito simples e tocante; e as antigas palavras Francesas correm assim:

"Orleans, Beaugency!
Nossa Senhora de Cléry!
Vendome! Vendome!
Que tristeza, que tédio
Contar a noite toda
As horas – as horas!"

Isso é tudo. Eles devem ser cantados por um prisioneiro medieval que não consegue dormir; e que, para distrair a sua enfadonha insônia, o conjunto de palavras lhe vêm à cabeça é no som da campainha que marca as horas de um campanário vizinho. Tentei imaginar que o nome dele era Pasquier de la Marière e que ele era meu ancestral.

O CARRILHÃO

Há um ar francês antigo,
Uma pequena canção de solidão e tristeza -
Simples como a natureza, doce além da comparação -
E triste – além de toda crença!

Sem nome é aquele que escreveu
A melodia – porém, essa eu opino:

Quem fez as palavras era um pouco remoto
Meu antepassado francês.

Eu conheço a masmorra profundamente
Por quanto tempo ele ficou – e por que ele ficou ali;
E toda a sua angústia, por não poder dormir
Pela consciência de um pecado.

Eu vejo sua cama fria e dura;
Eu ouço os carrilhões que tocam em seus ouvidos
Enquanto ele pressionava todas as noites, com aquela cabeça vigilante,
Um travesseiro molhado de lágrimas.

Oh, pequeno carrilhão inquieto!
Ele nunca mudou – mas tocou na esquina
Para cada hora escura daquele tempo infeliz
Autorizou sua retirada.

E sempre, mais e mais,
Seu fardo cresceu e perdeu uma parte -
E misturado com suas memórias, usava e
Está entrando em seu coração.

E aí teceu o nome
De muitas cidades que ele amava, por amor de Deus,
Em sua teia de música; assim ele veio
Sua pequena canção para fazer.

De tudo o que já ouvi
E adorei por sua doçura, ninguém além de mim
Adivinhou a força que, como uma palavra oculta,
As notas estão subjacentes.

Que lamento de lábios para muitos mortos
Encontrou seu eco somente nesse seio!
Somente para mim, pela lembrança de sangue conduzida,
Essa história selvagem é conhecida!

E embora seja meu, por certo
De tesouro, rifle e revele-se -
Uma herança de tristeza e prazer
O mundo compartilharia com prazer

No entanto, não devo desdobrar
Para sempre, nem sussurrar tarde ou logo,

O segredo que algumas barras leves
Presas em uma sintonia.

Para quando aquela pequena canção
For tocar na minha cabeça, eu sei que ele,
Meu infeliz antepassado, poeira por tanto tempo,
Revive sua vida em mim!

Enviei-os para a Revista -----, com as seis linhas francesas nas quais elas foram fundadas no topo. A Revista -----, publicou apenas as seis linhas francesas - as únicas linhas na minha letra que foram impressas. E elas datam do século XV!

Assim foi minha pequena canção perdida para o mundo e para mim. Entretanto, muito, muito tempo depois, eu a reencontrei, onde o Sr. Longfellow encontrou uma música sua: “no coração de um amigo” – com certeza o regato mais doce que pode ser para qualquer música!

Mal previ que não estava longe o dia em que a lembrança de sangue real me levasse – mas isso ainda está por vir.

*****